

A DE-CISÃO DE PEDRO LYRA E/OU A POÉTICA DA ARMA. (1)

José Maria de Souza Dantas

1. Considerações preliminares:

São muito diversas e diferentes as posições do poeta ao longo do tempo. Uns privilegiam o conteudismo, como Cruz e Souza; outros, como Cecília Meireles, situam-se na poesia pela poesia. Mais alguns, tomam a saudade como ponto de referência, como Casimiro de Abreu.

Político é o caminho de Camões, em *Os Lusíadas*, o de Fernando Pessoa, em *Mensagem*. Ferreira Gullar, Thiago de Melo e Moacyr Félix investigam o comportamento da sociedade, postando-se contra a anulação incessante da individualidade humana.

Da mesma forma, para muitos poetas, uma árvore não é uma árvore, a flor não é a flor. Buscam metáforas, às vezes muito distantes de sua referência, de certa forma prejudicando a comunicação de sua poesia. O leitor nem sempre consegue atingir, decodificar a mensagem emitida pelo poeta. O poeta se afasta, conscientemente ou não, do seu leito, o que provoca o afastamento da poesia do homem, do próprio mundo.

Em conseqüência, temos uma poesia para "iluminados", para alguns que, por circunstâncias culturais e sócio-econômicas, têm acesso a esse tipo de poesia. E nós sabemos do poder transformador da arte, pelo menos sua eficácia em poder fazer pensar, em ter a capacidade de brotar alguma semente, que traduza um pouco de crítica e/ou autocrítica.

1) LYRA, Pedro. *Decisão — poemas dialéticos*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983. Segunda edição no prelo.

Basta lembrar a importância da poesia de Neruda, no Chile; a de Garcia Lorca, na Espanha; a de Castro Alves, quando do momento histórico em que se clamava contra a escravidão, no Brasil.

2) *A poesia, hoje*

Por tudo isso, entendemos que a poesia, hoje, tem uma função eminentemente social, fundamentalmente reveladora, uma espécie de fonte inesgotável de despertar de consciências.

Mais do que nunca, é preciso deixar cantar o canto do poeta, fazer com que ele dê um violento grito a todos os homens, a fim de que, pelo menos a maioria, entenda o seu mundo, a realidade em que vive.

Acima de tudo, é urgente o salutar desempenho da vida em prol da liberdade, do esclarecimento, sempre em busca da verdade. Com essa postura, com essa vontade, com essa lucidez, o homem tem condições de se deixar aprisionar muito menos pela prepotência, pela insensatez, pelas ditaduras, pelas imposições. A poesia, hoje, é uma arma contra a mentira, a falsidade, duo que forma na lei dos poderosos. A poesia, hoje, é o antídoto contra a ideologia dominante, pelo menos um remédio sempre poderoso, eficaz, pronto a ser usado em função do homem, de sua liberdade, em detrimento de sua opressão, fato cruel e lamentável, mas ainda vigente em muitas sociedades.

3. *Atualidade: poesia e leitor, poeta e sociedade*

Ainda existem os poetas enfeixados em sua "torre de marfim". Ainda há os que se enclausuram, no "aconchego do claustro", colocando-se contra o "estéril turbilhão da rua", por isso mesmo, identificados, plenamente, com o "beneditino", apenas.

Esses são os poetas que pregam a alienação, a imposição, a mentira. São responsáveis pela desagregação dos leitores, tal o afastamento que causam entre eles e a poesia. Esta passa a ser objeto privado de alguns, conseqüentemente provocando o constante apregoar da não-poesia, da não-verdade.

E, assim, produzem-se textos que falam para si mesmos, surgem poetas que escrevem para eles mesmos. E a poesia, das "meninhas virgens", paira lá no alto, longe, muito longe, incapaz de ser compreendida.

Por isso mesmo, para alguns, a poesia é entretenimento para festas de aniversário, encomendas para ocasiões solenes, assunto próprio para certas festividades.

A poesia, portanto, se distancia do homem, do social, do fraterno, do econômico, do dia-a-dia.

Contudo, há os que entenderam que teria de haver uma inversão entre poeta e leitor, entre poesia e realidade, o que implica numa mudança de posição no que se refere à poesia.

Estes compreenderam que a poesia não pode ser, apenas, rigorosamente conotativa, fundamentalmente metafórica. Perceberam que, para um melhor entendimento, sem perder a qualidade poética, o texto literário pode organizar-se sob o signo da denotação, sob a ótica da metonímia.

Estes vêem o poeta como um trabalhador, como alguém que labuta com as palavras, que tenta romper a tradicional e secular barreira do silêncio entre o poeta e o homem. O poeta de carne e osso, que vive e morre. Que erra e acerta. Que desceu de sua "torre de marfim" e anda pelas ruas, que passeia pelas calçadas, que vai às favelas, que fala com as prostitutas, que frequenta o bordel.

São oportunas as palavras de Ferreira Gullar, retiradas da segunda capa do long-playing, MILTON NASCIMENTO AO VIVO, stéreo 817 307-1:

E a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu que quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, desta vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz.

4. *A De-cisão de Pedro Lyra*

Pedro Lyra, crítico/ensaísta dos mais consagrados, com um trabalho sério e profundo, traz, em seu terceiro livro de

poemas, *DECISÃO — poemas dialéticos* (Rio, Tempo Brasileiro, 1983) exatamente a decisão de um projeto de transformação do conceito tradicional de poesia, de poeta, em consequência tentando uma reformulação na visão crítica que se tem sobre poesia.

Ao contrário, reorganiza uma postura crítica e poética, na medida em que modifica a articulação de sua própria poesia. Deixa de valer-se de motivos essencialmente externos, para trabalhar com referências internas, cujo centro é, visceralmente o homem e seus problemas, o social, o político, o ideológico.

Essa "decisão" se verifica logo no primeiro poema do livro, "Decisão — I":

Matei a inspiração:
— comecei a ser poeta.

Esses dois versos são, sem sombra de dúvida, "a chave" da poesia de Pedro Lyra, elaborada sem qualquer mistério. Trata-se da síntese de sua poética, a essência mesma dos poemas de *DECISÃO*.

O poeta rompe com o tradicional conceito de inspiração e, na medida em que consegue ultrapassá-lo, dá início à sua poesia. Naturalmente, é um trabalho que exige "transpiração", como diria Ferreira Gullar. O poeta respira e transpira a poesia voltada para o homem, para a caminhada em busca de sua plenitude, do próprio tempo perdido.

Vencida a "inspiração", o sujeito(poeta) assume sua postura diante do mundo. Então, ele é que "diz", sobrepondo-se ao objeto. O poeta se interioriza nas coisas, apodera-se delas, portanto não fica à sua mercê (da inspiração):

Passam coisas
num jardim à minha frente, passam
pela graça e beleza do lirismo de sombras desta
tarde

passam
e nenhuma me diz nada:

— Eu
é que devo dizer
algo.

Comprovando o seu domínio sobre as coisas, os objetos, logo senhor da "fala", consciente de sua poesia, elaborada lucidamente, vemos essas coisas e esses objetos cercados pelo poeta, o que se reafirma pelos dois últimos versos estarem entre parênteses:

(Sobre coisas, sobre a vida
— sobre a passagem.)

Eis a de-cisão do autor de LITERATURA E IDEOLOGIA (Petrópolis, Vozes, 1979). Romper com o estabelecido, contra o estatuído. Provocar uma cisão radical (no sentido marxista, tomando as coisas pela raiz, trazendo do fundo, investigando a essência), o que se ratifica, na medida em que o prefixo *de* significa movimento de cima para baixo. Assim, um corte profundo, vertical, radical, na horizontalidade dos sistemas que representam a repetição, o óbvio, o esperado.

Essa poesia transformadora, nova, diferente, original afirma-se a cada poema. Contra a tradição da poesia imposta, contra a ditadura oficial dos poetas oficiais, tentando a prevalência da realidade do poeta em sua relação com a maior consciência do leitor. É o que postula o poema "Poética", no primeiro dos "17 ditos":

DO CRIADOR E DO PÚBLICO

Antes do texto — nenhuma voz.
Depois do texto — eco nenhum.
É preciso evitar
o impressionismo do sujeito
para a positividade do objeto.

É esta
a poesia que eles querem:
— vaga vagando no vago, para deleite
dos teóricos oficiais.

Nós, porém, queremos
ANTES DO TEXTO — o poeta e sua crença;
DEPOIS DO TEXTO — o leitor e sua resposta.

Observamos a voz de Pedro Lyra opondo-se à poesia que nada diz, que apenas "vaga vagando no vago", propondo, então, uma nova realidade poética, ou seja, uma poesia que seja porque diz, o que resultará na consciência do poeta e do leitor, ambos tocados pela poesia objetiva, imediata, real, oportuna. Não se trata, por conseguinte, da poesia "que eles querem", mas que "nós queremos", ou seja, a poesia que o nosso momento histórico exige, que a nossa realidade sócio-cultural pede.

Lemos uma longa preparação poética, comprovando a decisão de elaborar um projeto consciente, cujos olhos olham o homem e o social. Projeto e decisão que acreditam no poder do poema, na presença do poeta, na eficácia da poesia:

Para nós, porém, a poesia
É A FORÇA QUE ANIMA O POEMA
DETERMINADA PELA FORÇA DO POETA.
("Poética", dito II)

Compreendendo que o discurso poético é um processo dialético entre a linguagem e a realidade (o poeta subtitulou o livro de "poemas dialéticos"), Pedro Lyra afirma a necessidade de a poesia "dizer", atestando a sua importância diante do mundo contemporâneo:

escrever um poema é uma atividade dialética,
em que o poeta não tem a procurar
nem mesmo a encontrar:

— TEM A DIZER. ("Poética", dito V)

O poeta sabe da nova utilidade da poesia. Tem consciência de que sua "inutilidade" é exatamente a sua forma de ser útil. Nesse sentido, inverte, aqui também, o conceito secular da chamada "inutilidade da arte". Esta é útil desde que a sua escritura tenha eficácia, produza um "efeito" verdadeiro, mais uma vez enfatizando a relação texto-leitura, poeta-leitor, escritura-mundo, linguagem-realidade:

Para nós (que
distinguimos o útil
do aspecto pragmático do útil)
a poesia

que tem — como eles sabem — existência
tem — como eles temem — utilidade,
destinação de toda existência:

- O CERTO EFEITO DE SUA ESCRITA,
 - O CERTO EFEITO DE SUA LEITURA.
- (“Poética”, dito XVII)

5. *A poética da arma*

Para forçar uma de-cisão mais profunda, mais vertical, duradoura, sem dúvida é necessário uma arma, uma terrível arma que possa ferir, subverter, cortar, adentrando-se por todos os sistemas alienados e responsáveis pela impassividade do homem, de sua ausência nas grandes realizações sociais, nas mudanças políticas e econômicas. A arma de Pedro Lyra é exatamente a sua poesia, causada por sua consciente decisão. Decisão armada da coragem, de saber dizer e de conduzir consigo, com sua poesia, uma poesia crítica, revestida, acima de tudo, da verdade, entregando-se, em todos os sentidos, a serviço do homem.

Opondo-se à opressão de “eles”, já que se apresenta em companhia da poesia, da liberdade, o poeta acredita no homem, pois é o “único homem que preservou a essência da linguagem”.

“Eles”, sinônimo da arrogância, do autoritarismo, fazem questão de estimular a crença de que a poesia é inocência, ingenuidade, o que também estimula a inocência, a ingenuidade no homem, conduzindo-o cada vez mais para longe da verdade, da poesia. Assim, o homem se coisifica, como naquele “Arquivo”, de Victor Giudice, ou é esquecido, como o pobre anônimo de “Uma Vela para Dario”, de Dalton Trevisan. Para os donos do poder, para o sistema dominante, a poesia é um “brinquedo”, que naturalmente deve servir para que os homens “brinquem”, esquecendo-se de si mesmos, da própria sociedade.

Eis que a “arma” de Pedro Lyra é a arma da verdade, da poesia instauradora de novas realidades, poesia que representa um alerta, uma evidente tentativa de fazer despertar. O poeta pensa na função da poesia hoje, do poeta, agora. Por tudo isso, é importante a leitura de todo o “DO POETA”:

O poeta
é aquele único homem
que preservou a essência da linguagem:
— crescendo embora, continuou
jogando com palavras.

Para eles, o poeta
é ainda aquela criança
que mastiga as idéias que não diz.

Para nós, a POESIA
NÃO UM BRINQUEDO: É UMA ARMA.
(Hora
de se reconhecer
maioridade do poeta.)

("Poética", dito III)

6. Conclusão

Acreditamos que, no transcórre destas linhas, no desenvolvimento desta pequena reflexão, reconhecemos a "arma" da "de-cisão" do poeta Pedro Lyra. Projeto organizado, pensado, entendendo, oportunamente, a função da poesia nos dias de hoje e o papel que o poeta representa atualmente. Aliás, como sempre procurou representar, mesmo sufocado pela antipoesia dos Francos, dos Salazares, dos Pinochets que infestam o mundo, infelizmente.

Assim, o poeta encerra seu livro (tememos, apenas, que a síntese destas linhas prejudiquem a qualidade da obra) com o poema "Sem Dilema", ratificando, de todas as maneiras, o que vimos alimentando, enfatizando: sua serena e tranqüila, porque consciente decisão de fazer uma poesia atual, realista, voltada para os nossos dias, sem qualquer tipo de sofisticação, na maioria das vezes fazendo da denotação a sua própria "arma".

É sintomático o teor de alguns versos deste último poema:

— Poesia para hoje.

.....

Até lá

(felizmente/infelizmente)

enquanto girarmos sob este sol gelado e negro

será presente a minha poesia:

de hoje

para hoje.
É o que eu quero.
A poesia de amanhã
será feita pelos poetas de amanhã.
Então, se precisarem de uma imagem destes tempos,
os restos do que fui responderão do infinito onde
estiverem.

.....

E, confirmando a logicidade de DECISÃO, o poeta lança dois últimos versos, da mesma forma com que fez no primeiro poema do livro. Entendo que é e que deve dizer, que a poesia é sempre um eterno dizer, fecha as coisas e os objetos, privilegiando, como sempre, o sujeito (poeta), pioneiro, porta-voz, irmão, mensageiro. Ele "fala", enuncia a notícia da liberdade da maioridade do poeta

(Sobre coisas, sobre a vida
— sobre a passagem.)